

A PRESENÇA DO RACISMO DENTRO DO AMBIENTE ESCOLAR E O IMPACTO DESTES FATORES NA INFÂNCIA DE MENINAS NEGRAS

PAMELA OLIVEIRA DA ROSA¹; ALINE ACCORSSI²

¹Universidade Federal de Pelotas – pamela_oliveira91@outlook.com

²Universidade Federal de Pelotas – alineaccorssi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este texto tem origem a partir da escrita de um trabalho de conclusão de curso, e após a finalização deste processo de graduação do curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas, houve a necessidade de continuidade da pesquisa e isto veio a ser possível dentro do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas. É com a possibilidade da criação de um anteprojeto para o mestrado que esta construção aparece também, e com base nisso, entende-se essas ideias com um viés livre de amarras e ideias fechadas frente aos caminhos possíveis para a pesquisa. O enfoque deste trabalho perpassa pela necessidade da escolha de dar uma atenção maior para a infância de crianças negras – em específico de meninas negras – com base em suas experiências dentro da escola com o racismo.

Torna-se necessário trazer para discussão o impacto que as nossas experiências – enquanto uma mulher negra – dentro do ambiente escolar podem ter na constituição de quem somos enquanto pessoas adultas, e quando vamos olhar para este aspecto e o racismo se torna algo presente, o impacto pode ser ainda maior quando pensamos em crianças, visto que o período da infância é um marco significativo para a constituição psíquica. A sutileza do mascaramento do racismo de pessoas brancas para com as pessoas negras, aparece no momento que esse contato entre elas acontece, dentro de escolas, isso vem de um tratamento desumanizador e propagador de violência, no que se refere a comparação entre o tratamento recebido por uma criança negra e uma criança branca (SILVA, 2022).

Com o intuito de tornar alcançável aos olhos de quem lê este trabalho, trago para a cena a criação de uma personagem com o intuito de materializar alguns momentos da realidade de quem tem o corpo marcado por um alvo. É importante deixar nítido a intenção deste trabalho, ela parte do lugar de não generalizar as experiências de todas as meninas negras, mas sim trazer notoriedade para as possibilidades de acontecimentos que atravessam o corpo negro, e essa escrita parte também das experiências de quem escreve.

2. METODOLOGIA

O percurso metodológico perpassa por caminhos que enfatizam o método psicanalítico, este modelo origina-se da construção de uma pesquisa situada, onde acontece o realce da subjetividade da pesquisadora, assim como a aproximação de quem escreve com o seu tema de pesquisa (DOCKHORN; MACEDO 2015). Como forma de apresentar as minhas vivências em conjunto com as da personagem criada, a utilização das ficções narrativas nascem para assumir a materialidade da palavra, para transmitir os afetos e anseios das experiências apresentadas (COSTA, 2014).

Conceição Evaristo (2017) nos oferece a sua genialidade ao dizer que é a partir das nossas vivências e dos atravessamentos que as potencialidades nas ficcionalização nascem.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Cena 1

Inácia é uma menina negra de 6 anos que vive em uma casa humilde com seus pais, residente de um bairro periférico desde antes do seu nascimento. Inácia é uma menina cheia de vida, ela sempre gostou de brincar na rua e subir nas árvores que tinham em volta da sua casa. A escola transformou a vida da pequena menina, pois foi dentro deste lugar que muitas das suas raízes foram plantadas, de forma a moldarem sua maneira de ser no mundo. Inácia sempre foi uma menina muito carismática, gentil, e alegre, na escola isso sempre foi confirmado pelas pessoas que tinham contato com a mesma, ela brincava com suas amiguinhas o tempo todo e sorria para todos. Lá ela aprendeu o quanto era importante ter alguém para confiar e ter ao lado, isso ela teve noção já maior. Os momentos de inácia dentro da escola eram cheios de desafios, isso posto pelo olhar de quem escreve, pois sua inocência de criança jamais a faria entender o real significado de todas as dificuldades e violências que lhe atravessam.

A escola sendo um dos lugares também responsáveis pela constituição de um sujeito, se ancora em lógicas desqualificadoras e desumanizadoras das pessoas negras. Dentro deste local educacional podemos nos deparar com ideias que contam a história da população negra como sinônimo de inferior, sujo, feio, e muitas outras nomenclaturas que ajudam para que aquele indivíduo inocente e negro passe por situações que se originam da violência. Transitar por este espaço de lembranças de como foi minhas experiências dentro da escola, coloca em cena, para além do racismo vivenciado, a historicidade que a mulher negra possui frente as imagens impostas sobre ela, que partem da ideia de que este corpo se dá através da servidão e da subalternidade (GONZALEZ, 2020), e com isso, surgem diversas funções sobre o agir e as funções que o imaginário da sociedade coloca em cima da mulher negra.

Cena 2

É difícil imaginar uma criança sem infância, mas é possível notar que para algumas isso acontece, no caso de Inácia, desde pequena ela já possuía responsabilidades e fazia algumas tarefas dentro de casa que não lhe deviam ser impostas, mas ela tinha que ajudar a sua mãe em casa, já que os adultos tinham que trabalhar a maior parte do tempo. Varrer, lavar a louça e dobrar roupa eram coisas que ela fazia para ajudar. E quando ela não queria fazer, para ficar brincando, sua mãe logo lhe chamava a atenção e mandava ela ir fazer alguma coisa.

Se deparar com a realidade vivida por mulheres negras possibilita a conscientização da crueldade que atravessa nossos corpos diante desta sociedade que possui enraizado em suas estruturas, as lógicas racistas, patriarcais, sexistas, e muitas outras.

A discussão sobre o âmbito educacional em conjunto com o âmbito racial é um caminho árduo, é algo que propõem a consciência de como meus ancestrais batalharam para alcançar algo que lhes era de direito mas por um tempo considerável era negado. É alicerçado na Lei nº 1, de 14 de janeiro de 1837 que essa proibição teve origem: “São proibidos de frequentar as escolas públicas: Primeiro: pessoas que padecem de moléstias contagiosas. Segundo: os escravos e os pretos africanos, ainda que sejam livres ou libertos” (FONSECA, 2002, P. 12). Essa área histórica já nos ofereceu diversas mudanças frente à temática da

educação relacionada com a população negra, é necessário entender que a cor que eu carrego é sim um aspecto determinante sobre quem merece ou deve ter acesso a algo.

Cena 3

Eu tenho um episódio muito marcante na minha vida que eu nunca vou esquecer, apesar da pouca idade, consigo lembrar como foi ruim a sensação de me sentir excluída das rodas de colegas da escola. A aula desse dia teria uma atividade em grupo e a formação deles seria por escolha de proximidade. Minhas amigas foram as primeiras a serem escolhidas, depois as outras colegas e eu fui vendo que estava ficando para trás. A professora responsável pela atividade, parecia não se importar ao ver os cochichos e risadas direcionados a mim, era perceptível que ninguém me queria no seu grupo, no final acabei sobrando e sendo direcionada para um dos grupos a contragosto. É pensando nisso que eu passei a entender que eu tinha alguma coisa de errado e que era diferente de todos daquela sala de aula, eu não fiz nada de errado, só queria ser igual a todos eles para que assim eu conseguisse não ser foco de piadas e apelidos maldosos.

Segundo Grada Kilomba (2019), “uma pessoa apenas se torna diferente no momento em que dizem para ela que ela difere daquelas/es que têm o poder de se definir como “normal”. “Ou seja, não se é diferente, torna-se diferente por meio de um processo de discriminação (p.121)”.

Nos direcionando para uma argumentação ancorada por teóricos que caminham por um viés psicanalítico, utilizo tanto o LAPLANCHE (2014) quando FANON (2008) para construir uma discussão quanto a constituição psíquica de meninas negras pensando nas reverberações psíquicas que surgem frente ao racismo vivenciado. A relação adulto-criança, vai ser dada através de mensagens enigmáticas que são capazes de inserir o sujeito nos ambientes sociais e no universo simbólico, que parte do cuidado do adulto para com a criança, e este adulto se torna responsável por transmitir essas mensagens e o bebê por traduzi-las (LAPLANCHE, 2014). Enquanto âmbito social, este ponto possui uma influência significativa sobre as dimensões sociais do sofrimento psíquico do corpo negro. A situação das pessoas negras não é algo individual, é algo que surge através da influência social e da imposição da lógica da branquitude, de forma que a constituição psíquica é atravessada por essas lógicas racistas, regadas de violência e essas marcas fixam-se desde muito cedo. A “sociogenia” de Fanon apresenta que “a sociedade, ao contrário dos processos bioquímicos, não escapa à influência humana” (FANON, 2008, P. 28).

A violência experienciada por meninas negras é cruel e proporciona um abalo emocional que influencia em toda a sua forma de existir no mundo.

Cena 4

Na minha época de escola, eu lembro de ter umas amiguinhas, nós vivíamos sempre juntas, onde uma ia a outra também ia... sem que fosse uma novidade, eu era a amiga negra e pobre delas, então sempre que possível a Sabrina (branca), a mais metida de nós quatro, fazia questão de ressaltar que eu não era igual à elas três e que nunca poderia alcançar isso. Um dia ela me disse que eu nunca conseguiria ser bonita e ter os cabelos lisos e charmosos iguais ao dela, e eu sem entender o sentido da fala dela, perguntei o porquê dela falar aquilo. A resposta dela foi que um dia ela tinha escutado a conversa dos pais dela e eles diziam que pessoas negras nunca poderiam ser vistas como pessoas bonitas e charmosas como eles (pessoas brancas). Aquilo me machucou, pois eu não queria ser uma pessoa feia e desajeitada. Minha mãe sempre fez questão de me arrumar e me pentear bem bonita (como ela dizia) para ir para a escola, então não tinha sentido a fala da Sabrina.

4. CONCLUSÕES

Entendendo que tudo que foi apresentado até aqui parte de um lugar inicial a partir da minha recente experiência enquanto mestranda, compreendemos que um aprofundamento teórico é de suma importância frente ao cuidado que deve-se ter com a temática escolhida para desenvolver esta pesquisa. Direcionar um olhar cuidadoso para as vivências de meninas negras é uma forma de (re)construir caminhos que sirvam de alicerce para as suas vivências. Sendo assim, torna-se imprescindível oferecer um ambiente repleto de representatividade e seja um espaço que proporcione o sentimento de pertencimento para as pessoas negras.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, L. A. O corpo das nuvens: o uso da ficção na Psicologia Social. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 26, n. spe, p. 551–576, 2014.

DOCKHORN, C.; MACEDO, M. Estratégia Clínico-Interpretativa:: um recurso à pesquisa psicanalítica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, [S. l.], v. 31, n. 4, p. 529–535, 2016.

EVARISTO, C. Itaú Cultural. **O ponto de partida da escrita – Ocupação Conceição Evaristo**, 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3CWDQvX7rno&ab_channel=Ita%C3%BACultural.

FAUSTINO, D. M. Frantz Fanon: capitalismo, racismo e a sociogênese do colonialismo / Frantz Fanon: capitalism, racism and the sociogenesis of colonialism. *SER Social*, Brasília, v. 20, n. 42, p. 148-163, jan.-jun./2018.

FAUSTINO, D. M. **“Por que Fanon? Por que agora?”: Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil**. Tese (Doutorado) -- Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015

FONSECA, M. V. A educação dos negros: uma nova face do processo de abolição da escravidão no Brasil. Bragança Paulista: ESUSF, 2002.

GONZALEZ, L. 2020. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos** Rio Janeiro: Zahar. 375 pp.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação - Episódios de racismo cotidiano**; Tradução Jess Oliveira. - 1º. ed. - Rio de Janeiro : Cobogó, 2019.

LAPLANCHE, J. **Sexual**: a sexualidade ampliada no sentido freudiano 2000-2006. Porto Alegre: Dublinense, 2014.

SILVA, A. C. P. **O cabelo crespo como fio condutor do processo de pertencimento étnicoracial de meninas negras no ambiente escolar** / Dissertação (Mestrado em Educação Básica) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira. – Rio de Janeiro, 2022.